



CONTEXTO BRASILEIRO DE ASSASSINATOS E VIOLÊNCIAS CONTRA TRAVESTIS E TRANSEXUAIS: UMA ANÁLISE PAUTADA NOS DOSSIÊS ANTRA PUBLICADOS EM 2024 E 2025

Eixo Temático 39 – Violência de gênero na sua expressão letal: abordagens interseccionais para a interpretação do fenômeno dos (trans)feminicídios

Gleydson da Paixão Tavares ¹

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é analisar a configuração do contexto brasileiro relacionado às violências em que estão expostas as pessoas transexuais/ travestis. De natureza quali-quantitativa e de cunho documental, a produção dos dados e das informações foi pautada nos Dossiês Assassinatos e Violências contra Travestis e Transexuais Brasileiras – 2025/2024. Os resultados revelaram que o cenário político dos últimos anos tem contribuído para o avanço de uma agenda antitrans e que o Brasil continua ocupando o primeiro lugar no ranking dos países que mais assassina pessoas trans e travestis no mundo. Os documentos demonstram que o perfil das vítimas continua em sua grande maioria pessoas empobrecidas, jovens negras, nordestinas, mortas com requintes de crueldade e em espaços públicos.

Palavras-chave: Brasil, Travesti/Transexual, Violência.

INTRODUÇÃO

O gênero hegemonicamente e socialmente autorizado é marcado por uma binaridade que reduz e restringe as possibilidades de ser e de existir no mundo: homem x mulher, masculino x feminino. Os gêneros que borram ou subvertem essa dicotomia são considerados "anormais", inconformes e dissidentes.

No contexto das identidades de gênero e sexuais, apresentam-se as mulheres transexuais e travestis, nomeadas pela sociedade como corpos dissidentes, por não se adequarem às construções hegemônicas sexuais e de gênero. Segundo Bento (2011), necessariamente, não somos impelidos a cumprir “os desejos de nossas estruturas corpóreas”. Para a autora, “o sistema não consegue a unidade desejada. Há corpos que escapam ao processo de produção dos

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, guedo@uesb.br.

**IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade**
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero e Saúde Pública
gêneros inteligíveis e, ao fazê-lo, Gênero e Saúde Pública desobedeceram às normas de gênero” (2011, p. 551). Nessa direção, Bento assevera que “A bicha, o sapatão e o afeminado são essenciais para realimentar a heterossexualidade, não por serem estranhos, externos a ela, mas porque a constituem [...]” (Bento, 2011, p. 552).

Por serem consideradas aberrações da natureza, pessoas esquisitas, estranhas, inferiores, transtornadas patologicamente e psicóticas, as identidades transexuais e travestis estão vulneráveis a múltiplas violências nos mais variados espaços sociais como em vias públicas, em casa, no trabalho, na escola, pela justiça, entre outros. As formas de violências que sofrem são inúmeras: preconceito, discriminação, assassinatos, violência simbólica, física, psicológica, sexual, verbal, institucional, negligência, etc. O contexto de violências e assassinatos das pessoas transexuais e travestis não diferem ao analisarmos a realidade em nível internacional, nacional brasileiro e local.

O Brasil desponta como o país que mais assassina pessoas trans e travestis no mundo pelo 16º ano consecutivo ao mesmo tempo em que se destaca como país que mais consome pornografia neste segmento. A transexualidade como a travestilidade borram e subvertem a norma hegemônica cisheteronormativa e, por isso, causam incômodos o que provoca um terrorismo social e, conseqüentemente, tornam as pessoas transexuais e travestis vulneráveis e expostas às mais variadas violências que abrangem opressões de ordem física à psíquica.

O objetivo deste trabalho é analisar como está configurado o contexto brasileiro relacionado as mais diversas violências em que este grupo minorizado está exposto. A pesquisa é de natureza quali-quantitativa e de cunho documental. Os Dossiês Assassinatos e Violências contra Travestis e Transexuais Brasileiras, publicados nos anos de 2024 e 2025 (referentes aos dados de 2023 e 2024) foram utilizados como fontes de pesquisa para a produção dos dados e das informações.

Os resultados deste estudo revelaram que ainda há, especialmente, nos últimos anos, um grupo de ultraconservadores e de extrema direita, que desenvolvem uma agenda antitrans no Brasil e que impede a implementação e o desenvolvimento de políticas públicas para as pessoas trans e travestis, e que a violência contra essa população ainda é uma perversa realidade.

Verificou-se também que quando comparamos o Dossiê com os dados de 2023 em relação aos de 2022, há um aumento do quantitativo do número de assassinatos, entretanto, ao comparar os dados de 2024 em relação aos de 2023, observou-se uma pequena redução. Os dados também indicam que há uma ineficiência e ineficácia de notificações das mortes das pessoas trans e travestis pelas autoridades brasileiras, e que o perfil das vítimas continua o

METODOLOGIA

A pesquisa é de natureza quali-quantitativa, pois, utilizamos os tratamentos quantitativos e qualitativos por considerá-los complementares na perspectiva de enriquecer as análises dos resultados e das discussões (Minayo, 2009). Nessa direção, “a pesquisa qualitativa pode ser apoiada pela pesquisa quantitativa e vice-versa, possibilitando uma análise estrutural do fenômeno com métodos quantitativos e uma análise processual mediante métodos qualitativos” (Schneider; Fujii; Corazza, 2017, p. 570).

O estudo ancorou-se na pesquisa documental para a produção dos dados e das informações e pautou-se na análise dos Dossiês Assassinatos e Violências contra Travestis e Transexuais Brasileiras, referentes aos anos de 2023 e 2024, publicados, respectivamente, nos anos de 2024 e 2025, pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil (ANTRA). De acordo com Flick (2013, p. 124), os documentos podem ser

textos ou imagens, que podem ser analisados de maneira qualitativa ou quantitativa, dependendo da questão de pesquisa. A análise dos documentos pode se referir a materiais existentes – como diários - que não foram ainda usados como dados em outros contextos. Às vezes eles se referem a conjuntos de dados existentes de outros contextos – como estatísticas oficiais que foram produzidas não para a pesquisa, mas para propósitos de documentação.

Por fim, ressaltamos que os dados e as informações produzidas por meio dos Dossiês Assassinatos e Violências contra Travestis e Transexuais Brasileiras foram analisadas e discutidas quali-quantitativamente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O objetivo desta pesquisa é analisar a configuração do contexto brasileiro relacionado às violências em que estão expostas as pessoas transexuais/ travestis pautada nos Dossiês Assassinatos e Violências contra Travestis e Transexuais Brasileiras publicados em 2024 e 2025, produzidos por Bruna G. Benevides, presidente da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA).

Apresentaremos questões sobre uma agenda antitrans forjada por grupos ultraconservadores e de extrema direita; sobre o índice e as subnotificações das mortes de 2023/2024; e sobre o perfil dessas pessoas relacionado à idade, raça/cor, classe e contexto social, além dos tipos de ferramentas empregadas e dos métodos utilizados nas violências acometidas.

Com vistas ao nosso objetivo, vejamos alguns excertos extraídos do Dossiê publicado em 2025 com dados de 2024 sobre a agenda antitrans:



“O avanço de uma agenda anti-trans no Brasil, impulsionada por forças políticas conservadoras, reflete o crescimento do bolsonarismo e a consolidação da extrema direita no país e ao redor do mundo” (2025, p. 6).

“Entre as medidas mais emblemáticas dessa agenda, estão as leis que proíbem a chamada linguagem neutra em ambientes públicos, a exclusão de atletas trans de competições esportivas e a restrição ao uso de banheiros conforme a identidade de gênero. Essas leis, que supostamente pretendem proteger a sociedade de uma “ameaça trans”, utilizam o que temos chamado de weaponization de gênero, e perpetuam diversas formas de violência e exclusão, além de violações de direitos humanos, em um contexto em que a constituição federal proíba a existência de leis que neguem direitos, assim como a própria discriminação de qualquer natureza” (2025, p. 6).

Os fragmentos acima demonstram que há uma negação e invisibilização das pessoas trans e travestis no Brasil e com uma tendência ao crescimento por conta do atual cenário político brasileiro. Entretanto, Benevides (2025) assevera que ainda há resistência por meio da maior atuação de parlamentares trans em cargos políticos importantes, da inserção de pessoas trans em espaços acadêmicos e da maior visibilidade da causa em eventos LGBTQIAPN+. A autora destaca como mais um enfrentamento e vitória contra a transfobia é a política de ações afirmativas que assegura cotas para pessoas trans e travestis nas instituições de ensino superior – sua adesão está cada vez maior entre as universidades e faculdades.

Vejamos, agora, alguns fragmentos extraídos dos Dossiês publicados em 2024 e 2025 com dados de 2023 e 2024, respectivamente, que trazem informações sobre o número de assassinatos das pessoas trans e travestis:

Apesar de uma redução de 16% nos casos de assassinatos de pessoas trans em relação ao ano anterior, o cenário permanece adverso, sem políticas públicas efetivas para combater essa violência. Isso se torna evidente ao observar que, mesmo com a diminuição nos dados registrados pela pesquisa, o Brasil segue, pelo 16º ano consecutivo, como o país que mais assassina pessoas trans no mundo (2025, p. 9).

Em 2023, houve um aumento de mais de 10% nos casos de assassinatos de pessoas trans em relação a 2022 (2024, p. 6).

De acordo com o Dossiê publicado em 2024, o aumento de 10% corresponde a um quantitativo de 145 mortes em relação ao ano anterior que foi de 131 mortes. Já o decréscimo de 16 % está publicado no dossiê de 2025 e corresponde a um quantitativo de 122 assassinatos contra 145 do ano anterior.

De acordo com Benevides esta redução não é real, ela se dá pela ineficiência de controle e de registros dos assassinatos pelos órgãos competentes. Para a autora, “A política estatal que perpetua a subnotificação sistemática e os desafios no monitoramento de casos de violência LGBTfóbica continuam a representar obstáculos significativos” (Benevides, 2025, p. 9).



Em relação aos perfis das pessoas trans e travestis assassinadas, vejamos os excertos abaixo:

A idade continua sendo um dos mais assustadores marcadores quando observamos as informações contidas nos dados de assassinatos. Jovens trans entre 15 e 29 anos têm sido os alvos mais recorrentes das dinâmicas de violências, que alcançam esses corpos trans jovens com muito mais frequência (2025, p. 68).

Sem apresentar qualquer alteração neste cenário, verificamos que o perfil socioeconômico das vítimas permanece o mesmo, tendo como alvo pessoas empobrecidas, em contexto de alta vulnerabilidade social, que utilizam o trabalho sexual como fonte primária ou secundária de renda. (2025, p. 73).

Em 2024, dentre os 86 casos em que foi possível determinar a raça/cor das vítimas, observou-se que pelo menos 67 casos, 78% das vítimas, eram pessoas trans negras (pretas e pardas de acordo com o Estatuto da Igualdade Racial), explicitando-se ainda mais os fatores da desigualdade racial nos dados de assassinatos contra pessoas trans (2025, p. 75).

Dentre os assassinatos notificados em 2024, em 17 notícias (15%) não houve informações sobre o tipo de ferramenta/meio utilizado para cometer o assassinato. Dos 104 casos restantes, 40 (38%) foram cometidos por armas de fogo; 30 (29%) por arma branca; 21 (20%) por espancamento, pauladas, apedrejamento, asfixia e/ou estrangulamento; e 14 (13%) por outros meios, como atropelamentos intencionais, decapitação, desmembramento, carbonização, degolamento e carbonização do corpo (2025, p. 83).

Com a relação à idade, os dados demonstram que o total de número de vítimas de pessoas trans e travestis assassinadas com menos de 30 anos é maior de que número de vítimas que abrange a faixa etária acima dessa idade. De acordo com Benevides (2025, p. 68) “A idade continua sendo um dos mais assustadores marcadores quando observamos as informações contidas nos dados de assassinatos. Jovens trans entre 15 e 29 anos têm sido os alvos mais recorrentes das dinâmicas de violências [...]”.

Quando analisamos o perfil socioeconômico, verificamos que são pessoas empobrecidas que trabalham como profissional do sexo devido a exclusão/expulsão destas seja do núcleo familiar seja dos mercados formais e informais de trabalho. Associa-se a esse perfil a questão racial/cor das pessoas assassinadas, pois, de acordo com os dados, 78% das vítimas transexuais eram negras.

Os resultados também revelam que dos casos notificados, majoritariamente, os assassinatos foram cometidos por armas de fogo, seguido de arma branca, e das mais diversas formas como espancamento, pauladas, apedrejamento, asfixia e/ou estrangulamento. Quanto aos métodos, apresentam-se mais perversos e hediondos a exemplo de decapitação, degolamento, carbonização do corpo.

Os dados analisados retratam o discurso do ódio que segundo Freitas e Castro (2013, p. 344) “tal discurso apresenta como elemento central a expressão do pensamento que desqualifica, humilha e inferioriza indivíduos e grupos sociais. Esse discurso tem por objetivo



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



propagar a discriminação, desrespeito, preconceito, violência que possa ser considerado “diferente”, seja pela sua identidade de gênero e sexual, seja pela raça/cor, idade ou condição socioeconômica. O ódio aqui, não se resume apenas a discriminar, desrespeitar e matar; a morte transcende aos requintes de crueldade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contexto brasileiro retratado pelos Dossiês Assassinatos e Violências contra Travestis e Transexuais Brasileiras publicados em 2024 e 2025 ainda apresenta altos índices de violências com extrema de selvageria. O cenário político dos últimos anos tem contribuído para o avanço de uma agenda antitrans no Brasil, por meio de grupos ultraconservadores e de extrema direita, mas também sinalizaram que no atual governo Lula, o Supremo Tribunal Federal (STF) tem atuado em prol dos direitos da população trans.

O Dossiê de 2023 aponta para um aumento de crimes de mais de 10% em relação ao ano de 2022, com um quantitativo de 145 assassinatos. O Dossiê de 2024 aponta uma redução de 16% em relação a 2023, com um quantitativo de 122 assassinatos.

Além de indicar a incapacidade ou negligência de notificações das mortes das pessoas trans e travestis pelas autoridades governamentais, os documentos sinalizam que apesar da diminuição do registro de assassinatos, o perfil das vítimas é caracterizado por pessoas jovens, negras, empobrecidas, nordestinas e com mortes que denotam uma barbárie humana.

REFERÊNCIAS

BENEVIDES, Bruna G. **Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2024** / Bruna G. Benevides. ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) – Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2025, 144p.

BENEVIDES, Bruna G. **Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2023** / Bruna G. Benevides. ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) – Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2024. 125p.

BENTO, Berenice. **Na escola se aprende que diferença faz a diferença. Estudos Femininos**, v. 19, n. 2, 2011. p. 549-559. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/DMNhmpzNbKWgH8zbgQhLQks/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 dez. 2021.

FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa: uma guia para iniciantes**. Tradução Magda Lopes. Porto Alegre: Penso, 2013. 256p.



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



FREITAS, Riva Sobrado de. CASANOVA, Maria Suelene. Liberdade de Expressão e Discurso do Ódio: um exame sobre as possíveis limitações à liberdade de expressão. **Sequência**, Florianópolis, n. 66, p. 327-355, jul. 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SCHNEIDER, Eduarda Maria; Xavier, Rosângela Araújo; FUJII, Maria Júlia Corazza. Pesquisas quali-quantitativas: contribuições para a pesquisa em ensino de ciências. **Revista Pesquisa Qualitativa**. São Paulo (SP), v. 5, n. 9, p. 569-584, dez. 2017.